

AS DESVENTURAS DO POPULISMO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

O Estado de S. Paulo, 14.12.1988

Os ciclos populistas de expansão e desastre são um fenômeno recorrente na América Latina. Tendo o peronismo como modelo, um economista e um cientista político argentinos, Adolfo Canitrot e Guillermo O'Donnell, fizeram a análise definitiva desses ciclos ainda nos anos setenta. O desastre chileno de Allende, não obstante a pureza socialista do movimento, afinal pode ser reduzido a mais uma experiência populista. No Brasil os dois casos mais evidentes foram o da expansão com prefixação da taxa de desvalorização cambial de 1979-80, quando o Brasil não tinha outra alternativa senão o ajustamento, e o do Plano Cruzado. O Peru vive hoje um típico ciclo populista.

A mecânica dos ciclos populistas é sempre aproximadamente a mesma. O governo, em nome de um "keynesianismo" que deixaria Keynes indignado, descobre que a melhor forma de promover o crescimento da economia, proteger a indústria nacional e obter a redução da inflação é através (1) do aumento do gasto público, (2) da valorização da taxa de câmbio, fixando-a ou reduzindo o ritmo das minidesvalorizações e (3) da elevação dos salários. As conseqüências, nos primeiros meses, são realmente milagrosas. A inflação se reduz, o consumo e os investimentos aumentam, a economia se expande. Mas é claro que, ao mesmo tempo, a poupança diminui, as importações aumentam e as exportações diminuem, seja porque o excedente exportável passa a ser consumido internamente, seja porque os exportadores perdem condições econômicas para exportar. Em conseqüência, desencadeia-se a crise cambial. A moratória, se adotada, não impede o esgotamento das reservas internacionais, dado o déficit comercial da balança comercial. Os investidores perdem confiança e param de investir. A inflação, por outro lado, volta a crescer em função do déficit público. E quando o governo, afinal, decide iniciar o processo de ajustamento, desvalorizando o câmbio e tentando reduzir as despesas públicas, os efeitos imediatos são um agravamento ainda maior da crise, porque aceleração da inflação e desemprego se somam.

O último exemplo do ciclo populista está acontecendo de forma dramática no Peru de Alan Garcia. Ao assumir o governo, Garcia seguiu à risca o receituário

populista. Com uma inovação: ao invés de terminar com a moratória da dívida externa, começou por ela. Mas é claro que essa inovação não mudou o curso dos eventos. No máximo, provocou o seu retardamento. A crise esperada acabou por ocorrer, levando o país à perda de reservas, à estagnação econômica e a taxas recordes de inflação.

As tentativas de ajustamento até agora não funcionaram dada a gravidade da crise. Em agosto foi tentado um choque: uma inevitável e equivocada combinação de medidas ortodoxas e heterodoxas. Falhou. Há duas semanas, nova tentativa, com o inti sendo desvalorizado novamente em 100 por cento, ao mesmo tempo que se reajustavam preços relativos, reduzindo-se os salários. É pouco provável que desta vez funcione, dado a desmoralização do governo.

O triste é que Alan Garcia estava absolutamente correto quando decidiu pela moratória, da mesma forma que os autores do Cruzado estavam certos quando optaram pelo choque heterodoxo. O Peru sem dúvida necessitava da moratória para reduzir a transferência real de recursos e a própria dívida, mas devia tê-lo feito em conjunto com ajustamento interno e não em substituição a ele. O mesmo ocorreu no Cruzado que falhou porque foi entendido como um substituto ao ajustamento ao invés de um elemento essencial do ajustamento.

Esses erros têm levado os conservadores na América Latina a condenar tanto as reduções unilaterais de uma dívida externa que se tornou excessivamente alta para ser paga, quanto os choques heterodoxos contra uma inflação inercial, ou seja, contra uma inflação definida pela indexação formal e informal dos preços, que não pode ser controlada sem desindexação e congelamento de preços.

Mas esse tipo de condenação não faz sentido. Dada a dimensão dos desequilíbrios, o que países como o Brasil ou o Peru necessitam é de uma combinação de redução unilateral da dívida, de congelamento de preços e ajustamento interno que elimine o déficit público. Redução da dívida ou choque heterodoxo sem ajustamento que elimine o déficit público é mero populismo. E suas conseqüências são sempre desastrosas. Da mesma forma que são desastrosas e/ou ineficientes as tentativas de governos conservadores ou tímidos de limitar-se a buscar o ajustamento fiscal e monetário quando a dívida é excessivamente alta e a inflação, inercial. Afinal nem o ajustamento nem o controle da inflação são logrados, porque a dimensão da dívida e o caráter inercial da inflação se encarregam de derrotar as tentativas de ajustamento. Em toda a América Latina, durante esta década, estamos vendo este fato se confirmar. A única exceção parece ser o Chile, mas o ajustamento ali foi conseguido às custas de uma violência enorme. E é ainda um ajustamento precário, porque as taxas de investimento estão gravemente rebaixadas.